

AUSTRAL: 10 ANOS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL

Paulo Fagundes Visentini¹
Guilherme Thudium²

A política editorial que o Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) priorizou, como centro pioneiro na área de Relações Internacionais (RI) no Sul do Brasil, foi a publicação de obras de referência destinadas aos novos cursos de graduação e pós-graduação que surgiam no país. Com a estruturação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), surgiram as condições para que o NERINT estabelecesse uma parceria para a publicação de uma revista acadêmica. O nome *AUSTRAL* foi escolhido por significar Sul em português, espanhol, inglês, francês e alemão, além de outros idiomas, com mínimas variações ortográficas – e espelhava a opção pelo foco nas Relações Sul-Sul, com uma filosofia que privilegiou a cooperação com acadêmicos de todos os continentes, sem as competições corporativas suicidas, tão comuns nas universidades.

A independência, o rigor científico e a oportunidade para os estudiosos de países carentes do merecido espaço nas poderosas instituições do circuito Norte-Atlântico foram sempre prioridades. E criaram vínculos sólidos, revelando um outro mundo, pouco visível, mas possível, como era o lema do Fórum Social Mundial, antes de ser descaracterizado em “Fórum Temático” por militantes pós-modernos. Ao completar 10 anos, a *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, discretamente, cumpriu o seu objetivo fundacional, congregando aqueles que são os verdadeiros agentes da transformação planetária em curso. Um espaço que reúne latino-

¹ Professor Titular de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) e Editor Fundador da *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. Contato: paulovi@ufrgs.br.

² Mestre em Ciência Política e Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais na UFRGS. Pesquisador do NERINT e Editor Assistente da *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. Contato: guilherme.thudium@ufrgs.br.

americanos, africanos e asiáticos, além de europeus e norte-americanos de visão verdadeiramente cosmopolita, em um projeto que busca contribuir para a superação da múltipla crise que a humanidade atravessa. Ciência e humanismo podem, e devem, caminhar juntos.

Mas que credenciais tinha o Brasil para lançar tal iniciativa, desde Porto Alegre, cidade localizada ao “Sul do Sul”? A política externa brasileira atingira, na primeira década do século XXI, uma projeção e um reconhecimento realmente mundiais, que aprimorou qualitativa e quantitativamente os grandes avanços da Política Externa Independente (1961-64) e dos momentos marcantes do Regime Militar (1964-85), como o Pragmatismo Responsável e o Universalismo. Quantitativamente, a diplomacia brasileira se fez presente, além das regiões e parceiros tradicionais, nas pequenas nações africanas, asiáticas e do mundo árabe, nas ex-repúblicas soviéticas e até nos distantes arquipélagos do Oceano Pacífico, com papel decisivo desempenhado pelo Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) e por outros órgãos governamentais neste processo.

Do ponto de vista qualitativo, tal presença ganhou notável intensidade política, econômica e programática com a participação “ativa, afirmativa e propositiva” em importantes fóruns internacionais e organismos multilaterais, como o BRICS e o G-20, além da Organização Mundial do Comércio (OMC) e das Nações Unidas (ONU). Este avanço diplomático foi acompanhado pela expansão mundial e pelo crescimento da economia brasileira, que ultrapassou o PIB de vários países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Brasil recebeu, igualmente, o *status* de Parceiro Estratégico da União Europeia e celebrou o mesmo vínculo com potências emergentes como a China e a Índia, assim como a África do Sul e outras importantes nações. A integração sul-americana avançou de forma consistente pela primeira vez, inclusive com iniciativas extrarregionais. Elevou-se, assim, o eixo da Cooperação Sul-Sul como prioritário para a diplomacia brasileira, com intensa presença na África e na Ásia.

Ainda que tais avanços tenham sido abordados no exterior e nas diversas revistas científicas nacionais, carecíamos de um veículo bilíngue (português ou espanhol e inglês) que estivesse focado exclusivamente na análise de tal desempenho. Ao mesmo tempo, faltava um instrumento que nos colocasse em contato direto com os demais centros de reflexão nos países em desenvolvimento, com os quais nos últimos anos estabelecemos contatos de alto nível – além dos acadêmicos e instituições que, no Norte, pensam criticamente as intensas transformações pelas quais está passando o moderno sistema mundial.

Assim, desde o estabelecimento do NERINT, em 1999, a equipe de pesquisadores planejava a criação de uma revista científica que veiculasse

suas pesquisas, pontos de vista e estabelecesse um diálogo com acadêmicos de outras nações, além dos membros do próprio corpo diplomático brasileiro. Para tanto, foram sendo feitos contatos no país e no exterior ao longo dos anos. Ela deveria refletir a perspectiva do mundo em desenvolvimento – o “Sul” –, e este sonho antigo se tornou realidade há exatos 10 anos, com o lançamento da *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*.

Foi o primeiro periódico do Brasil, na área de RI, a ser publicado integralmente em inglês. Em detrimento de tradutores profissionais, contudo, a revista procurou integrar alunos de graduação e pós-graduação da universidade na sua atividade editorial como forma também de capacitá-los ao promover o contato direto com pesquisas científicas avançadas, sob a supervisão do seu corpo de editores e Conselho Editorial – como a professora Cristina Soreanu Pecequilo, a quem somos extremamente gratos pela diligente revisão dos esforços de tradução.

A revista contou com apoio inicial do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), think tank governamental vinculado ao Ministério da Economia do Brasil, e da Assessoria Internacional do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, é financiada pelo Programa de Apoio à Edição de Periódicos Científicos (PAEP) da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS. Desta forma, a revista, desde sua concepção, esteve ligada tanto à intensa atividade de ensino de pós-graduação e pesquisa como à interlocução com órgãos oficiais e tomadores de decisão de todos os entes federativos – bem como aos grandes debates contemporâneos e *científicos* não só de RI, mas também de Estudos Estratégicos (Brodie 1949).

Uma Década de Diálogo com o Sul

A *AUSTRAL* firmou-se, desde 2012, como uma publicação essencialmente acadêmica voltada a temas políticos, securitários e econômicos internacionais, com ênfase na diplomacia dos países em desenvolvimento, que normalmente recebem atenção limitada ou etnocêntrica por parte das grandes revistas internacionais. Os focos da publicação, portanto, sempre foram as Relações Sul-Sul: as questões de segurança, o desenvolvimento econômico, político e diplomático das nações emergentes e suas relações com as potências tradicionais, diante de um contexto de crise e transição do sistema internacional, temática escolhida para o primeiro número da revista (v. I, n. I, 2012).

O tom foi, inicialmente, o de chamar atenção para uma crise global (geográfica e temática) em gestação. Logo, atentamos para a ocorrência de uma aceleração dos processos políticos, securitários e econômicos das RI.

Finalmente, a partir de 2016³, podemos falar de um verdadeiro terremoto a sacudir a já frágil ordem mundial. Adentrou-se em uma verdadeira guerra de posições, que constitui o fio condutor que articula os conflitos e tensões contemporâneas. Muitos dos conflitos localizados e tensões regionais no Sul que são oriundos desse fenômeno, todavia, têm recebido uma atenção *post factum* da academia, de forma dissociada. Ainda carecíamos de uma reflexão totalizante que fosse capaz de interpretar, satisfatoriamente, os acontecimentos atuais de maneira integrada – uma lacuna que a *AUSTRAL* busca suprir desde a sua criação.

Ao priorizar também temas estratégicos e de segurança, a *AUSTRAL* logrou contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre questões de enorme valor para a política externa, a defesa e o desenvolvimento do Brasil, conforme pronunciou o ex-Ministro da Defesa e das Relações Exteriores, Celso Amorim (2012), em artigo de apresentação do primeiro número da revista. A edição inaugural contou também com um artigo do diplomata brasileiro Samuel Pinheiro Guimarães (2012) sobre o futuro do Mercosul, além de dois artigos da casa sobre a política externa brasileira e a crise financeira de 2008 – cujos reflexos ainda eram sentidos globalmente – e contribuições internacionais sobre a política externa russa e sul-africana, o Fórum de Cooperação China-África e o papel dos países do Golfo Pérsico para a Cooperação Sul-Sul.

A *AUSTRAL* foi oficialmente lançada no Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais (SEBREEI), evento realizado de 20 a 22 de junho de 2012 em Porto Alegre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul e pelo Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) sob a temática “Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no Século XXI”. A ampla aceitação obtida quando do seu lançamento foi consolidada e aprofundada com a edição de seu segundo número, que enfocou a Política Externa Brasileira e a Cooperação Sul-Sul, redigida principalmente por autores brasileiros e apresentada pelo Professor Amado Luiz Cervo (2012), o Decano deste tema no Brasil.

Na última década do século XX, tendo sido encerrada a Guerra Fria, observou-se que os temas de segurança também passaram a ser negligenciados e eclipsados como objetos de estudo tanto na academia como no discurso político, no contexto da agenda predominantemente econômica da globalização neoliberal. Mas os atentados de 11 de setembro de 2001

3 Curiosamente, 2016 é o ano que o influente acadêmico norte-americano John Mearsheimer (2019) identificou como marco transicional para um sistema internacional efetivamente multipolar.

recolocaram a segurança no centro do debate acadêmico como parte da Guerra ao Terror e dos conflitos assimétricos e não-estatais. O enfoque adotado, no entanto, era direcionado à clivagem entre as potências Ocidentais e às novas ameaças dos grupos terroristas e dos chamados “Estados Párias”.

Poucos foram os analistas que exploraram as dimensões geopolíticas implícitas em tal cenário. Ao se iniciar a segunda década do século XXI, o quadro sofreu substancial alteração: a crise econômica nos países da OCDE teve impacto no equilíbrio internacional, enquanto a China se tornava a segunda maior economia do mundo e o acrônimo BRICS ganhava substância e materialidade político-estratégica. Então, as análises sobre segurança ganharam nova dimensão, chegando ao Sul. E este foi o tema central do terceiro número da revista *AUSTRAL*, que inaugurou outro de seus objetivos fundantes, qual seja, a contribuição para a renovação teórico-analítica dos Estudos Estratégicos e internacionais.

Dentre as regiões austrais, a Revista também se destacou pela atenção dedicada à inserção estratégica da África nos assuntos internacionais – uma grave lacuna bibliográfica no Brasil, até o surgimento, a partir das pesquisas desenvolvidas no âmbito do NERINT, do Centro Brasileiro de Estudos Africanos (CEBRAFRICA) e da sua Revista Brasileira de Estudos Africanos (RBEA). O continente africano, num curto período de tempo, passou de uma situação de menor relevância para os analistas à de uma região de elevado valor estratégico. Todavia, a compreensão acadêmica dessa evolução foi dificultada, no Brasil, pelo desconhecimento da região.

À medida que o eixo do sistema mundial se desloca para o Indo-Pacífico, a África, por sua posição geopolítica e por seus novos vetores de inserção internacional, se torna um espaço extremamente relevante para o reposicionamento de forças em escala global. Trata-se de um espaço até então de baixa densidade estratégica, onde o emprego de recursos limitados pode ter um efeito ampliado. Mesmo os Estados Unidos, que até então pouco interesse haviam demonstrado em relação à África, se tornaram presentes e ativos, de forma acelerada. A Guerra ao Terror, o estabelecimento do AFRICOM (Comando dos Estados Unidos para a África) na Alemanha, a recriação das Frotas IV e V no Atlântico Sul e no Índico, respectivamente, e a crescente presença militar, econômica e política são alguns exemplos.

Tais processos ocorreram paralelamente ao lançamento da Nova Parceria para o Desenvolvimento Econômico da África (NEPAD) e da transformação da Organização da Unidade Africana (OUA) em União Africana (UA). Esses eventos contribuíram para avanços econômicos, sociais e políticos da África, que acarretaram mais autonomia e protagonismo diplomáticos das nações do continente, bem como maior inserção internacional dos acadêmicos e especialistas africanos.

A *AUSTRAL* também teve papel decisivo na expansão e consolidação de teorias importantes de RI no Brasil, sejam elas clássicas ou críticas, como o estudo teórico, histórico e estratégico do sistema mundo, com foco na análise da alternância entre ciclos hegemônicos e de crises, e a noção de *Sul Geopolítico*, que contrapõe ao conceito amorfo de *Sul Global*. Mais do que criar um modismo teórico pós-moderno, a introdução do conceito de Sul Global representou uma estratégia de despolitizar o significado do terceiro-mundismo.

O Sul Global não se define por uma agenda positiva, mas negativa, pois, afinal, o Norte também não é “Global”? Assim, segundo o novo conceito não haveria sentido para a existência do Grupo dos 77 ou do Movimento dos Não Alinhados: todos os Estados do Sul se diluíram na globalização, e as principais nações desse espaço não passariam de “economias de mercado emergentes”.

O Movimento dos Não Alinhados, contudo, seguiu existindo (e crescendo) e o aniversário de 60 anos da Conferência de Bandung, abordado na oitava edição da *AUSTRAL*, demonstraram a importância e a continuidade do terceiro-mundismo (v. 4, n. 8). Esses aspectos também foram explorados em importante artigo de autoria de Beatriz Bissio (2016), uma das editoras dos famosos *Cadernos do Terceiro Mundo*. Como marca registrada da *AUSTRAL*, portanto, o Sul Geopolítico (Terceiro Mundo) se tornou não apenas o foco temático, mas também o eixo teórico e analítico da compreensão dos grandes problemas mundiais.

Neste sentido, publicamos também, em primeira mão, propostas analíticas inovadoras, como a dos “Eixos do Poder Mundial no Século XXI” (Visentini 2019). Dentre as muitas formas de classificar as potências e as demais nações, buscou-se propor uma visão que desse conta das linhas de fratura que estão se formando, bem como das alianças que podem emergir de tal realidade. Nesse contexto, é paradoxal o discurso que emerge em diversos setores da sociedade e do Estado no Brasil (e em diversas nações). É como se a Guerra Fria houvesse renascido, contra toda a lógica, argumentos e fatos evidentes que sugerem o contrário, pois ela dependia de uma clivagem capitalismo *versus* socialismo – o qual sobrevive apenas de forma residual em pequenas nações. As rivalidades hoje, portanto, são de caráter predominantemente econômico e, em parte, geopolítico.

A proposta analítico-interpretativa em questão emergiu a partir das pesquisas e diálogo com a academia, a diplomacia, a mídia e as Forças Armadas, além de outros setores, e busca categorizar a política internacional hodierna em diferentes grupos. O primeiro deles se aglutina no *eixo militar-rentista anglo-saxão*: Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e, tangencialmente, Israel. O segundo é o *eixo industrial desenvolvido*

da União Europeia, Japão e Tigres Asiáticos. O terceiro consiste no *eixo industrial emergente*, integrado pelas grandes nações do BRICS, especialmente a China e a Rússia, além da Turquia e Irã, onde a participação do Estado é determinante. Por fim, o quarto é o *eixo agrário-mineral e humano periférico*, integrado pelas nações médias e pequenas da América Latina, da África e da Ásia geográfica (que inclui o Oriente Médio). O Brasil e a África do Sul, absorvidos por suas agendas políticas internas, estão sob o risco de passar a integrar esse grupo. Acontecimentos recentes, como o tratado AUKUS entre Austrália, Reino Unido e Estados Unidos para a construção de submarinos nucleares para o país oceânico, sob fortes protestos de nações europeias como a França, parecem corroborar a proposta analítica em questão.

Dossiês Temáticos

Com a rápida consolidação do periódico e da sua crescente rede mundial de colaboradores e leitores, a Revista precisou expandir para conseguir absorver o fluxo de artigos. Assim, a partir da nona edição, a *AUSTRAL* ampliou seu rol de artigos por edição de dez para doze. Houve, igualmente, o aumento da demanda pela publicação de dossiês contendo resultados de pesquisas coletivas, que foram acolhidos conforme a qualidade e relevância temática. Um “problema” positivo, resultante de uma política editorial que não se atrelou aos cambiantes critérios das agências acadêmicas governamentais. O objetivo, que se mantém, sempre foi o de conectar autores e nações através da reflexão inovadora de uma área fortemente institucional como as RI.

A principal iniciativa neste sentido foi a publicação de um número especial (v. 7, n. 14) com um dossiê organizado pelos Professores Juliana Viggiano e Rafael Duarte Villa sobre “Segurança e Defesa na América do Sul”, nos marcos do Edital Pró-Defesa do Instituto Pandiá Calógeras do Ministério da Defesa e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq) – corroborando o desenvolvimento da temática de S&D como uma tendência tanto da *AUSTRAL*, do *NERINT* e do *PPGEEI*.

Vale destacar, também, o “Dossiê Especial sobre as Relações Brasil-Angola”, de autoria dos professores Fabio Morosini (UFRGS) e Michelle Rattón Sanchez Badin (FGV), publicado em 2016 e alusivo aos quarenta anos da independência do país africano; outro sobre o “Sistema Mundial: Teoria e Geopolítica”, cujo conjunto de artigos abriu a última edição de 2020; e, mais recentemente ainda, um dossiê sobre América Latina que inaugurou a última edição da Revista com uma análise sobre os 30 anos de criação do Mercosul, de autoria do Professor Leonardo Granato (2021), demonstrando

que cada década da (des)integração latina e sul-americana apresentou uma característica diferente, com períodos intercalados de expansionismo não-sustentado e de crise.

Análises de Conjuntura

A crescente contribuição de acadêmicos de um número cada vez maior de países evidencia a presença global e independente da *AUSTRAL*. E que o NERINT, após servir de elemento catalisador para a institucionalização dos estudos acadêmicos de RI no Sul do Brasil, segue, após duas décadas, analisando de forma séria, independente e criativa a situação internacional.

Além da semestral e bilíngue *AUSTRAL*, o NERINT também foi o berço da publicação bimestral *Conjuntura Austral*, editada pelo PPGEEI desde 2011. Inicialmente, a *Conjuntura Austral* ficaria encarregada das análises de cenário, em um enfoque mais imediato, ao passo que a *AUSTRAL* publicaria as análises academicamente mais densas. Todavia, com a evolução da projeção nacional e internacional do PPGEEI, ambas as revistas se tornaram referências análogas de alto nível na área, respeitadas as diferenças teóricas dos atuais corpos editoriais.

Por esse motivo, o NERINT também passou a oferecer um *Boletim de Conjuntura* (2016-2019) digital e bilíngue, a cargo dos seus Pesquisadores Assistentes, Mestrandos e Doutorandos, com o intuito de retomar análises mais objetivas da conjuntura internacional para o público geral. Em 2020, a iniciativa do Boletim foi absorvida pela Análise Estratégica NERINT, que passou a integrar uma nova sessão regular da *AUSTRAL*, localizado na parte final de cada número. Ela traz breves notas de análise de conjuntura sobre acontecimentos internacionais atuais e relevantes, não contemplados nos artigos, redigidos por especialistas temáticos. Importantes acontecimentos internacionais tardam, normalmente, quase um ano para aparecerem como artigos acadêmicos tradicionais. Enquanto isto, a interpretação projetada sobre o público leigo e sobre a própria academia se resumem a artigos jornalísticos e às redes sociais. Portanto, urgia explicar de forma objetiva e urgente os grandes eventos internacionais, inicialmente no site do NERINT, transcrevendo-os semestralmente na Revista.

Indexadores e Estatísticas⁴

A *AUSTRAL* está registrada em grandes indexadores e bases de dados mundiais: Scopus Elsevier, Google Acadêmico, LivRe!, Columbia International Affairs Online, Directory of Open Access Journals, ETHzürich, Journal TOCs, Latindex, Directory of Open Access Scholarly Resources, Sumários de Revistas Brasileiras, Beardsley Library Journals, WZB Berlin Social Science Research Center, GIGA Information Centre, Portal de Periódicos CAPES, Portal de Periódicos Científicos da UFRGS e Rede Cariniana.

A Revista já publicou autores de todos os continentes e regiões do mundo (em ordem cronológica de submissão): Brasil, Rússia, Canadá, África do Sul, Reino Unido, Países Baixos, Espanha, Austrália, Índia, Argentina, Turquia, Suécia, Alemanha, México, Paquistão, Zimbábue, Nigéria, Portugal, República Checa, Itália, Japão, Cabo Verde, Camarões, Cuba, China, Chile, Angola, Ucrânia, Cazaquistão, Estados Unidos, Costa Rica, Irã, Indonésia, Romênia, Equador, Colômbia, Paraguai, Polônia, Quirguistão, Malásia, Singapura e Nova Zelândia. Ao todo, são 257 autores, entre professores e doutores especializados nas temáticas privilegiadas pela Revista, oriundos de 143 diferentes instituições (ver Tabela 1 e Anexo).

Tabela 1 - Número de artigos e países por região (2012-2021)

Região	Artigos	%	Países
América do Sul	165	64,2	6
Europa	31	12,1	13
Ásia	28	10,9	10
África	22	8,6	6
América do Norte	5	1,9	3
América Central	3	1,2	2
Oceania	3	1,2	2

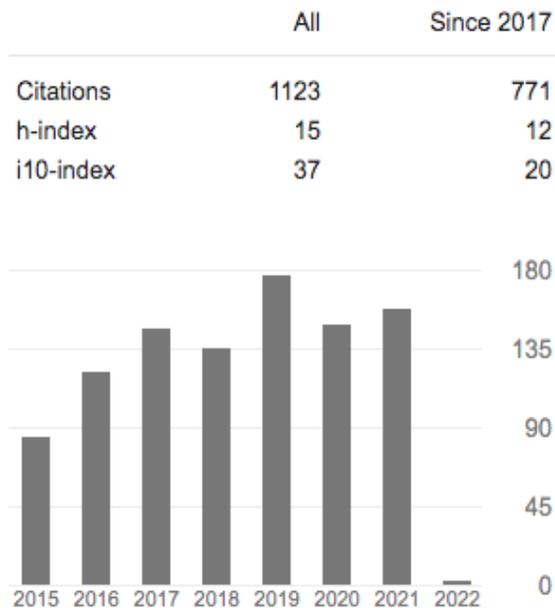
Fonte: Elaboração de Felipe Werner Samuel com base no arquivo da *AUSTRAL*: seer.ufrgs.br/austral/issue/archive

A plataforma da Revista, que utiliza o Open Journal Systems (OJS) por meio do Portal de Periódicos da UFRGS, soma quase **meio milhão de acessos** às composições finais dos artigos (491.392 acessos até outubro de 2021). A edição com o maior número de acessos foi publicada no segundo semestre de 2013 sob o tema “Atlântico Sul, Brasil e a cooperação entre periferia e

⁴ Com a colaboração de Felipe Werner Samuel.

semiperiferia”. O artigo com maior número de visualizações, intitulado “Kwame Nkrumah e a visão pan-africana: entre a aceitação e a rejeição” foi publicado por Henry Kam Kah (2016), professor do Departamento de História da Universidade de Buea, Camarões. Já o artigo mais citado conforme o Google Acadêmico é o de autoria do professor australiano e brasileiro Sean W. Burges (2012), publicado sob o título “Desenvolvendo a partir do Sul: Cooperação Sul-Sul no jogo de desenvolvimento global”.

Figura 1 - Citações da Austral na plataforma Google Acadêmico

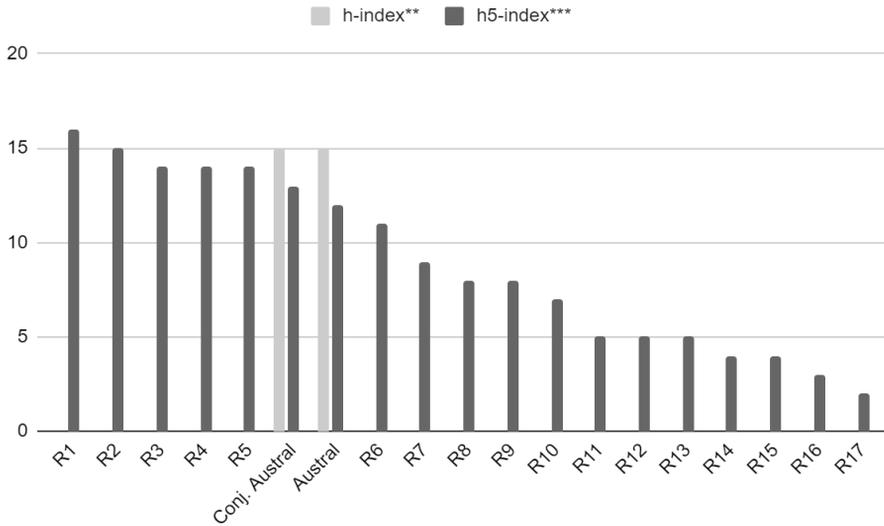


Fonte: Google Acadêmico (2022).

A dupla nomenclatura da Revista – *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, em português, e *AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, em inglês –, bem como diferenças de grafia, prejudicou o periódico diante do novo sistema de avaliação, que parece ter reduzido a produção de conhecimento e redes colaborativas a meros algoritmos nas classificações em diversas listas e plataformas. Um erro técnico que a CAPES já corrigiu em 2021. Deste modo, a melhor maneira encontrada para indexar de forma integralizada tanto os artigos em inglês como em português da Revista foi por meio da criação de um perfil próprio na plataforma Google Acadêmico. Nele, obteve-se um alto número de citações

(1123 ao todo e 898 entre 2016 e 2021), quando consideramos o formato bimestral da revista, que por sua vez é refletido nos índices h (valor 15)⁵ e h5 (valor 12)⁶ (ver Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1 - Comparação dos índices h e h5 dos periódicos de estrato “A” da grande área de Ciência Política e Relações Internacionais*



Fonte: Google Acadêmico, com base na Classificação de Periódicos da CAPES (Quadriênio 2013-2016 e Lista Provisória 2019). Dados referentes a outubro de 2021. Elaboração dos autores.

* Por cortesia acadêmica, os títulos dos periódicos externos à UFRGS foram suprimidos.

** O índice h da AUSTRAL e da Conjuntura Austral, ambas publicadas no âmbito da UFRGS, foram extraídos dos seus respectivos perfis no Google Acadêmico.

*** O índice h5 foi extraído do perfil oficial dos periódicos no Google Acadêmico e, na ausência de um, por meio de busca no ranking da plataforma, tomando sempre o maior valor como referência: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=top_venues

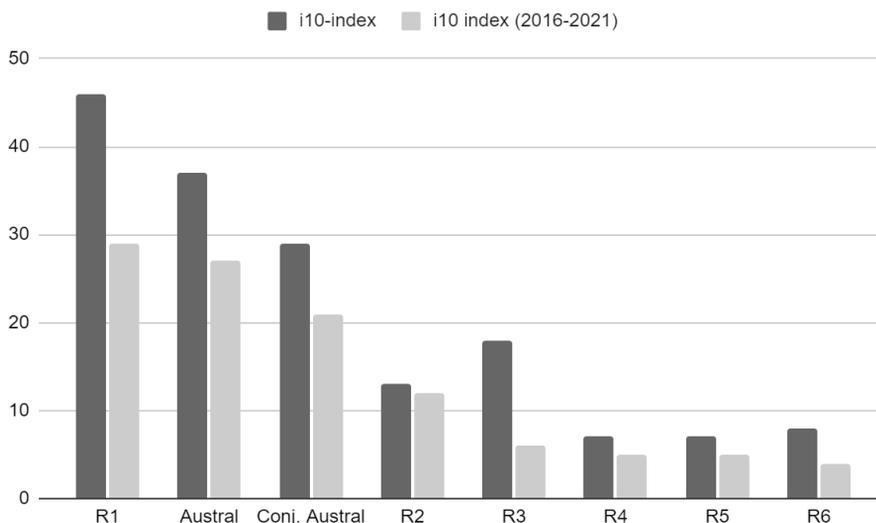
5 O índice h é o maior número h, sendo que h publicações possuem, no mínimo, h citações.

6 O índice h5 é o índice h dos artigos publicados nos últimos 5 anos completos. É o maior número h, de tal forma que h artigos publicados em 2016-2020 têm, pelo menos, h citações cada um.

Apresentação

Destacamos, ainda, o alto número de artigos da *AUSTRAL* com, no mínimo, 10 citações cada (índice i10) no Google Acadêmico (ver Gráfico 3):

Gráfico 2 - Comparação do índice i10 (total e últimos cinco anos completos) dos periódicos de estrato "A" da grande área de Ciência Política e Relações Internacionais que possuem perfil próprio no Google Acadêmico*



Fonte: Google Acadêmico, com base na Classificação de Periódicos da CAPES (Quadriênio 2013-2016 e Lista Provisória 2019). Dados referentes a outubro de 2021. Elaboração dos autores.

* Por cortesia acadêmica, os títulos dos periódicos externos à UFRGS foram suprimidos.

REFERÊNCIAS

- Amorim, Celso. “Apresentação.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 1, n. 1 (2012): 7-8. <https://seer.ufrgs.br/austral/article/view/27983/17997>.
- Bissio, Beatriz. “Bandung, Não-Alinhados e mídia: o papel da revista ‘Cadernos do Terceiro Mundo’ no diálogo Sul-Sul.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 4, n. 8 (2016). <https://doi.org/10.22456/2238-6912.59957>.
- Brodie, Bernard. “Strategy as a Science.” *World Politics* 1, n. 4 (1949): 467-88. <https://doi.org/10.2307/2008833>.
- Burges, Sean. “Desenvolvendo a partir do Sul: Cooperação Sul-Sul no jogo de desenvolvimento global.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 1, n. 2 (2012): 225-49. <https://doi.org/10.22456/2238-6912.30185>.
- Cervo, Amado Luiz. “A Política Exterior do Brasil.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 1, no. 2 (2012): 9-14. <https://doi.org/10.22456/2238-6912.32620>.
- “Google Acadêmico.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. Google. Acesso em: 1 jan. 2022. <https://scholar.google.com/citations?hl=pt-BR&user=xuLxfQsynnEC>.
- “Google Acadêmico.” *Conjuntura Austral*. Google. Acesso em: 1 jan. 2022. <https://scholar.google.com/citations?hl=en&user=4V7oKkMAAAAJ>.
- Granato, Leonardo. “Os trinta anos do Mercosul: apontamentos para um balanço” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 10, n. 19 (2021). <https://doi.org/10.22456/2238-6912.112686>.
- Kam Kah, Henry. “Kwame Nkrumah e a visão pan-africana: entre a aceitação e a rejeição.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 5, n. 9 (2016). <https://doi.org/10.22456/2238-6912.65783>.
- Pinheiro Guimarães, Samuel. “O futuro do Mercosul.” *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 1, n. 1 (2012): 13-22. <https://doi.org/10.22456/2238-6912.27989>.
- Mearsheimer, John J. “Bound to Fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order.” *International Security* 43, n. 4 (2019): 7-50. https://doi.org/10.1162/isec_a_00342.
- Visentini, Paulo Fagundes. “Eixos do poder mundial no século XXI: uma

proposta analítica”. *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* 8, n. 15 (2019): 9-24. <https://doi.org/10.22456/2238-6912.91767>.

ANEXO

Lista de instituições de origem dos autores publicados pela Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais nos últimos 10 anos. Elaboração: Felipe Werner Samuel, Pesquisador Assistente em nível de graduação do NERINT.

Instituição creditada no artigo	País da Instituição
ABCI Institute	Estados Unidos
Academia Russa de Ciência	Rússia
Ambrose Alli University	Nigéria
Australian National University	Austrália
Banco Central do Brasil/UFRGS	Brasil
Cankiri Karatekin University	Turquia
Centro Austral de Investigaciones Científicas/ CONICET	Argentina
Centro de Investigaciones de Política Internacional	Cuba
Christ University	Índia
CIRAD	França
Dalhousie University	Canadá
ECEME	Brasil
Ekiti State University	Nigéria
Escola de Guerra Naval	Brasil
Escola Nacional de Ciência Política e Administração Pública	Romênia
Escola Superior de Economia	Rússia
Escola Superior de Guerra	Brasil
ESPM Sul / UNISINOS	Brasil
Exército Nacional do Zimbábue	Zimbábue
FACAMP	Brasil
Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales	Equador
FGV	Brasil

FIRB	Brasil
FUMEC	Brasil
German Institute of Global and Area Studies	Alemanha
Hodja Ahmet Yassawi International Kazakh Turkish University	Cazaquistão
IFRS	Brasil
Institute for Defense Studies and Analysis	Índia
Institute of Strategic Research and Analysis	Paquistão
Instituto Brasileiro de Estudos de China Asia-Pacífico	Brasil
Instituto do Oriente	Portugal
Instituto Rio Branco	Brasil
Instituto Superior de Relações Internacionais Venâncio de Moura	Angola
Isfahan University	Irã
Islamic Azad University	Irã
Istanbul Bilgi University	Turquia
Itamaraty	Brasil
John Cabot University	Itália
Kazimierz Wielki University	Polônia
King's College London	Reino Unido
Landmark University	Nigéria
London School of Economics and Political Science	Reino Unido
Mercosul	
Ministério da Defesa	Brasil
National University of Singapore	Singapura
PPG San Tiago Dantas	Brasil
Programa de Estudios América Latina-África	Argentina
PUCMG	Brasil
Renmin University of China	China
Ruprecht-Karls-Universität	Alemanha
SDECT-RS	Brasil
Momoyama Gakuin University	Japão
Taras Shevchenko National University of Kiev	Ucrânia
Tarbiat Modares University	Irã
UEPB	Brasil
UERJ	Brasil

Apresentação

UFABC	Brasil
UFBA	Brasil
UFF	Brasil
UFJF	Brasil
UFMG	Brasil
UFPB	Brasil
UFPE	Brasil
UFPEL	Brasil
UFRGS	Brasil
UFRJ	Brasil
UFRRJ	Brasil
UFS	Brasil
UFSC	Brasil
UFSCar	Brasil
UFSM	Brasil
UFU	Brasil
UNB	Brasil
UNESP	Brasil
UniBH	Brasil
UNICAMP	Brasil
UNIFESP	Brasil
UNILA	Brasil
UniLaSalle-RJ	Brasil
UNIPAMPA	Brasil
UNISC	Brasil
Unisinos	Brasil
Universidad Autónoma de Madrid	Espanha
Universidad Complutense de Madrid	Espanha
Universidad de Buenos Aires	Argentina
Universidad de Guadalajara	México
Universidad de los Andes	Colômbia
Universidad de Santiago	Chile
Universidad Militar Nueva Granada	Colômbia
Universidad Nacional da Costa Rica	Costa Rica
Universidad Nacional de Rosario	Argentina
Universidad Tecnológica de Mexico	México

Universidade Afe Babalola	Nigéria
Universidade Americana da Ásia Central	Quirguistão
Universidade Anhembi Morumbi	Brasil
Universidade Candido Mendes	Brasil
Universidade Católica de Portugal	Portugal
Universidade Católica de Temuco	Chile
Universidade da África do Sul	África do Sul
Universidade da Califórnia	Estados Unidos
Universidade da Cidade de Macau	China
Universidade da Indonésia	Indonésia
Universidade da Nova Inglaterra	Austrália
Universidade de Bucareste	Romênia
Universidade de Cabo Verde	Cabo Verde
Universidade de Gotemburgo	Suécia
Universidade de Greenwich	Paquistão
Universidade de Ibadan	Nigéria
Universidade de Isfahan	Irã
Universidade de Johannesburgo	África do Sul
Universidade de Lagos	Nigéria
Universidade de Leiden	Países Baixos
Universidade de Montreal	Canadá
Universidade de Salvador	Brasil
Universidade de São José	China
Universidade de Uppsala	Suécia
Universidade de Waikato	Nova Zelândia
Universidade Erasmus Rotterdam	Países Baixos
Universidade Estadual da Paraíba	Brasil
Universidade Estadual de Makassar	Indonésia
Universidade Estatal de Moscou	Rússia
Universidade Federal de Lafia	Nigéria
Universidade Federal de Viçosa	Brasil
Universidade Jawaharlal Nehru	Índia
Universidade Lusíada Porto	Portugal
Universidade Metropolitana de Praga	República Tcheca
Universidade Nacional de Assunção	Paraguai
Universidade Nacional de Defesa de Islamabad	Paquistão

Apresentação

Universidade Nacional de Rosario	Argentina
Universidade Nacional de San Martín	Argentina
Universidade Privada de Angola	Angola
Universidade Sun Yat-Sen	China
Universidade Vinoba Bhave	Brasil
Universitas Muhammadiyah Yogyakarta	Indonésia
Universiti Sultan Zainal Abidin	Malásia
University of Buea	Camarões
University of Calabar	Nigéria
University of Exeter	Reino Unido
University of Johannesburg	África do Sul
University of Zimbabwe	Zimbábue
UNLa	Argentina
USAL	Argentina
USP	Brasil